

IRMANDADE DE ARMAS COM O ESTADO DO APARTHEID ISRAELITA | POR RAINER RUPP

Posted on 24. August 2020

Um comentário de Rainer Rupp.

Na terça-feira desta semana, o jornal Bild regozijou-se: "Momento histórico - a força aérea de Israel voa sobre o antigo campo de concentração de Dachau". O artigo com manchete de barra é legendado com várias fotos mostrando o alegado "sobrevoo histórico" dos caças F-16 israelitas, "lado a lado com os Eurofighters alemães com Cruz de Ferro na fuselagem". "À frente da formação, o chefe da Força Aérea alemã e israelita voam juntos num Lear Jet israelita", continuou Bild, como se tivesse sido uma honra muito especial.

Bild vê o sobrevoo conjunto como "um arco às vítimas dos Nacional-Socialistas" e como "um sinal de uma amizade muito especial". É de facto uma amizade muito especial, porque Israel não é o primeiro estado racista do apartheid com o qual a República Federal da Alemanha (então RFA) manteve uma relação particularmente amigável. Mesmo com o regime racista sul-africano, que tinha inventado o apartheid em toda a sua abominável forma em primeiro lugar, as elites da RFA mantiveram relações estreitas, da cultura à economia e sobretudo nos campos militar e do armamento.

Mas apesar destas relações íntimas das elites da RFA com o sistema do apartheid dos africanos, tal demonstração de amizade por um sobrevoo conjunto da força aérea do regime sul-africano e da Força Aérea Federal teria falhado devido a um protesto do público indignado. Hoje, porém, o regime do apartheid israelita quase não difere do seu homólogo sul-africano. No entanto, o desfile conjunto germano-israelita da Força Aérea no céu sobre um antigo campo de concentração está agora a ser apresentado como uma grande honra. E a população permanece em silêncio. Onde estão as manifestações dos combatentes pelos direitos humanos contra a visita militar de um Estado injusto e apartheid?

Mas vejamos primeiro como foi com as estreitas relações alemãs com o primeiro Estado do apartheid na África do Sul.

Em todas estas décadas, largamente despercebidas pelo público alemão, teve lugar uma cooperação estreita e amigável entre as elites políticas e económicas da República Federal da Alemanha e a máquina de

opressão e assassinato do regime racista sul-africano. O facto de as elites da RFG se terem tornado assim culpadas de cumplicidade e cumplicidade nos crimes do regime do apartheid sul-africano foi pouco preocupante para ninguém, uma vez que os autoproclamados "meios de comunicação de qualidade" alemães permaneceram em silêncio. Foi só muito mais tarde, quando o estado sul-africano do apartheid há muito que tinha aterrado na lixeira da história, que os media alemães também trouxeram à luz escândalos isolados.

Uma reportagem i da revista alemã Cicero, publicada em Janeiro de 2014, deve ser particularmente recomendada. Sob o título: "Como a Alemanha Armou Nuclearmente o Estado do Apartheid", a revista forneceu detalhes explosivos que a maioria dos leitores provavelmente ainda desconhece hoje em dia.

O artigo foi introdutório:

"Quando as pessoas na Alemanha de hoje elogiam a luta de Nelson Mandela pela liberdade, é frequentemente hipocrisia. Pois a República Federal apoiou o estado do apartheid política e militarmente, contornando mesmo um embargo de armas (da ONU). Isto incluía fornecimentos nucleares".

Continua a dizer:

"O governo branco da África do Sul recebeu todo o apoio político, económico e mesmo militar de alguns países da OTAN. As relações da África do Sul com a Grã-Bretanha, Israel e - a República Federal foram particularmente intensas".

"A cooperação militar da República Federal com a África do Sul foi alvo de críticas internacionais: tanto a então Organização de Unidade Africana - a antecessora da actual União Africana - como a ONU condenaram estas actividades em várias ocasiões. Com a sua política, a Alemanha tinha violado o embargo de armas da ONU contra a África do Sul, que é vinculativo ao abrigo do direito internacional. As emissões noticiosas alemãs não mencionaram estas condenações. Se é que houve, houve breves notas marginais nos jornais diários".

Isto mostra mais uma vez que os principais "meios de comunicação de qualidade" nos têm mentido, não só

desde ontem. Em vez disso, têm-nos manipulado no interesse da classe dominante e da sua elite política, que lhes fornece o governo, desde tempos imemoriais.

Cícero descreveu a cooperação científica e técnica com o regime como particularmente escandalosa. Por exemplo, cientistas militares sul-africanos foram autorizados a participar em conferências especializadas do Fraunhofer Institute for Propellants and Explosives. Mas não foi apenas o mais recente know-how científico em tecnologia de explosivos que os cientistas alemães passaram para os sul-africanos. O estado também recebeu os conhecimentos para a construção de uma fábrica de enriquecimento de urânio da instalação de investigação nuclear de Karlsruhe e através de contratos com a então em grande parte propriedade federal STEAG (...).

Em relação à ajuda BRD para a construção de uma bomba atômica sul-africana, Cícero relatou a partir de um documento governamental disponível para a revista como o Ministério da Economia em Bona puxou os cordelinhos para retirar da lista de proibição de exportação os compressores de importância crítica para as instalações de enriquecimento de urânio na África do Sul. O truque: no futuro, as peças proibidas para exportação devem ser declaradas como "compressores completamente normais". E um secretário de Estado BRD deseja aos sul-africanos "mais um grande sucesso" nos seus esforços.

Além disso, a Alemanha foi o único país do mundo a manter um acordo cultural com o Estado do apartheid. Neste quadro, entre outras coisas, realizou-se um intercâmbio regular de estudantes. As escolas alemãs na África do Sul, que foram financiadas pelo governo alemão, também aderiram às leis raciais do regime do apartheid. Cícero cita como exemplo um ensaio de um estudante da "Deutsche Höhere Privatschule" em Windhoek sobre a segregação racial, que afirma: "Os Leões não acasalam com porcos. O ensaio tratava do tema dos "casamentos mistos", que nessa altura eram proibidos na África do Sul e nos Namibianos, que nessa altura estavam ocupados pela África do Sul. "Tal cultura foi promovida por Bona nessa altura", disse Cícero.

É apenas graças à heróica e longa luta pela resistência de pessoas como Nelson Mandela que o regime do apartheid, este estigma racista da África do Sul, já não existe hoje em dia. No entanto, o vírus insidioso e

assassino do racismo em todo o mundo está longe de estar extinto. Na sua forma particularmente hedionda, é hoje mais virulento do que nunca no regime do apartheid de Israel, porque os sionistas israelitas eram estudantes muito dóceis do regime racista sul-africano, com o qual estavam estreitamente associados de muitas maneiras.

O tiroteio em massa de estudantes e jovens palestinos pelo exército israelita, que tinha protestado pacificamente contra o Muro da Vergonha em 2018, levou o governo democrático da África do Sul a classificar oficialmente o regime sionista-racista em Israel como um regime de apartheid e a romper as relações diplomáticas com Israel. Na altura, o diário israelita *Haaretz* escreveu: "A África do Sul não é um país qualquer; é um símbolo de justiça, apesar de todas as suas dificuldades, corrupção e crime. Ao quebrar as relações, a África do Sul marcou Israel com a marca de (fratricida) Caim".

E se há um povo que sabe o que significa apartheid, são os sul-africanos. Eles sabem do que estão a falar quando chamam aos crimes que são cometidos todos os dias não só contra os palestinos nos territórios ocupados apartheid. Ainda conhecem os métodos utilizados durante o apartheid, que hoje em dia são utilizados para desclassificar e desrespeitar os cidadãos árabes de Israel, que constituem 20% da população do país, como cidadãos de segunda classe pelo Estado judeu. Aqui estão apenas alguns exemplos que afectam os cidadãos árabes de Israel.

Os sionistas definiram Israel como um "Estado judeu" e não como um Estado dos seus cidadãos, que, por exemplo, nasceram no seu território. Apenas aqueles que nascem de uma mãe judia são judeus, porque com a mãe está sempre certa de que apenas sangue judeu puro flui nas veias da criança. Não importa há quanto tempo se vive em território israelita, nunca se pode tornar judeu e, portanto, nunca se pode tornar um cidadão de primeira classe. As famílias árabes que viveram durante gerações no território que os sionistas lhes roubaram e fizeram para o Estado de Israel permanecerão, portanto, cidadãos israelitas de segunda classe para sempre.

Tal como no passado sob o regime do apartheid sul-africano, os casamentos mistos não são permitidos em Israel, pois de outra forma a pureza do sangue judeu já não é garantida. Os casamentos mistos puseram em

perigo a sobrevivência do povo judeu. De acordo com a lei israelita, os casamentos mistos não são, portanto, permitidos. Há pouco mais de um ano, o ministro israelita da Educação ⁱⁱⁱ Peretz chegou ao ponto de chamar "Shoa" aos casamentos com não-judeus, ou seja, ao extermínio do judaísmo, apenas comparável ao Holocausto.

E se um cidadão israelita de ascendência árabe quiser casar com uma mulher dos territórios palestinos ocupados, então isso também é proibido em Israel. Ele só pode casar com a senhora se renunciar à sua cidadania israelita e emigrar para os territórios ocupados, onde as condições do apartheid são ainda mais rigorosas, quase não há empregos, os salários não são suficientes para viver e a vontade de ocupação israelita é onnipresente.

Também através da linguagem, fica claro para os cidadãos árabes ancestrais de Israel todos os dias que não pertencem a este "Estado judaico". Em meados de 2018, o parlamento israelita aprovou uma nova lei brutalmente racista, a chamada "Lei do Estado Nacional". Enquanto o árabe era anteriormente considerado a língua nacional oficial a par do hebraico, a nova lei aboliu a língua árabe, com consequências de grande alcance para a minoria árabe de 20 por cento da população. Desde então, todos os formulários oficiais, notificações ou pedidos devem ser preenchidos em hebraico. Mesmo nos tribunais e escritórios, tudo deve agora ser feito na única língua hebraica permitida, uma língua em que a maioria dos israelitas árabes não são suficientemente fluentes.

A "Lei Nacional do Estado", que foi prosseguida principalmente pelo Primeiro Ministro Benjamin Netanyahu, data de Julho de 2018 e tinha o objectivo oficial de "consolidar o carácter de Israel como a casa nacional do povo judeu". Isto inclui também o direito de entrada de judeus de todo o mundo, apenas as festas judaicas podem ser celebradas em Israel, e a fundação de aldeias judaicas etnicamente puras, que devem então receber apoio especial do "Estado judaico".

A "Association for Civil Rights in Israel (ACRI)" condenou ^{iv} esta iniciativa legislativa como "uma violação dos direitos fundamentais da minoria árabe em Israel". A língua árabe é "parte da identidade, património e cultura da minoria árabe, e a negação do árabe como língua oficial simboliza, portanto, a negação dos

direitos dos árabes e dos seus direitos iguais no Estado de Israel".

Numa avaliação recente, a organização israelita de direitos humanos ACRI chega à conclusão alarmante de que a situação dos cidadãos árabes de Israel se deteriorou ainda mais. Diz literalmente:

"Os cidadãos árabes de Israel enfrentam uma discriminação profunda em todas as áreas da vida. Nos últimos anos, a atitude prevalecente de hostilidade e desconfiança em relação aos cidadãos árabes aumentou, com largos sectores da opinião pública israelita a encarar a minoria árabe tanto como uma quinta coluna como uma ameaça demográfica. Existem diferenças socioeconómicas gritantes entre as populações judaicas e árabes, particularmente em termos de terra, planeamento urbano, habitação, infra-estruturas, desenvolvimento económico e educação. Mais de metade das famílias pobres em Israel são famílias árabes, e as comunidades árabes formam as comunidades mais pobres de Israel. "v

Lá se vai uma pequena visão sobre a discriminação contra os cidadãos árabes de Israel. No entanto, ainda se encontram relativamente bem em comparação com os seus familiares palestinianos nos Territórios Ocupados. Para a população palestiniana dos Territórios Ocupados, seja muçulmana ou cristã, é diariamente vítima de arbitrariedade, humilhação e violência, o que pode também rapidamente degenerar em violência mortal por parte dos ocupantes israelitas e dos colonos sionistas fervorosos que disparam.

À semelhança dos tempos do regime do apartheid sul-africano, os crimes do regime do apartheid israelita são bem conhecidos no Ocidente. Mas nos nossos meios de comunicação social, o Joint Air Force Show com os representantes do regime racista no céu acima do campo de concentração de Dachau é celebrado como uma grande honra, em vez de ser condenado como uma insolência e um insulto aos organizadores do exército alemão. Em vez disso, nós alemães somos mais uma vez recordados da nossa culpa hereditária, de modo que nunca nos ocorre quem aqui convidámos como convidados de honra?

Para além do sobrevoo de Dachau, houve um segundo sobrevoo comemorativo sobre a base aérea de Fürstenfeldbruck. A tentativa de assassinato olímpico tinha sido aí cometida a 5 de Setembro de 1972. Os terroristas palestinianos mataram duas pessoas e fizeram mais nove reféns. Nove atletas israelitas, treinadores e um agente da polícia alemã morreram no asfalto do aeródromo durante a tentativa de os

libertar. Também não houve nenhuma ocasião especial para este sobrevoo, nenhum aniversário redondo ou semicircular. Qual foi o objectivo deste sobrevoo? As duas palavras operativas são "terroristas palestinos". Devemos ser novamente recordados disto e que tudo o que Israel faz é apenas para a sua própria defesa.

Temos de nos libertar deste alarido, porque o regime do apartheid israelita pode ensinar-nos menos do que nunca a partir de um alto pedestal moral. E não há falta de ataques terroristas e assassinios em massa perpetrados por perpetradores judeus na história de Israel. Quando o Estado de Israel foi criado em 1948, as milícias sionistas atacaram as cidades palestinas e arrasaram cerca de 530 aldeias. Cerca de 13.000 palestinos foram assassinados.

Por razões estratégicas, todos os habitantes de algumas aldeias palestinas foram primeiro deliberadamente assassinados. Isto pôs em marcha um enorme movimento de refugiados de mais de 750.000 pessoas, para que os sionistas não tivessem de expulsar os palestinos das suas casas. Para evitar que os refugiados regressassem às suas casas, as aldeias vazias foram explodidas ou achatadas. É provavelmente daqui que provém a expressão "uma terra sem povo para um povo sem terra", que os assassinos sionistas utilizaram para justificar a sua reivindicação à terra saqueada ao público ocidental.

Este foi o clímax da limpeza étnica da Palestina pelo movimento sionista, que ainda hoje é celebrado como um acto heróico pelo regime do apartheid. Não existem monumentos e placas comemorativas para as vítimas, nem tropeços nos locais das aldeias desaparecidas, nem vestígios de remorso ou, pelo menos, arrependimento. Certamente, estes sentimentos existem entre cidadãos judeus individuais e movimentos de direitos civis israelitas, mas os vencedores sionistas não permitem a recordação pública das suas atrocidades e atrocidades. Isto contrasta com o sentimento de culpa imposto pelo Estado, que é inoculado em todos os alemães desde a mais tenra idade.

Imagine que da próxima vez que um político britânico visitasse Israel, expressaria o desejo de colocar uma coroa de flores no local do "King David Hotel" em memória dos altos funcionários britânicos ali assassinados por terroristas israelitas. 91 pessoas de diferentes nacionalidades, principalmente britânicas,

foram assassinadas no bombardeamento da sede administrativa britânica para a Palestina, em 1946, na ala sul do Hotel King David, em Jerusalém, pela organização terrorista sionista de extrema-direita Irgun. Menachem Begin, que mais tarde ascendeu ao cargo de primeiro-ministro israelita e foi mesmo galardoado com o Prémio Nobel da Paz, desempenhou um papel de liderança neste ataque. Este prémio perdeu o seu valor não só desde que foi atribuído ao Presidente da Guerra dos EUA Barak Bombama.

Se quiser ver a longa lista dos primeiros-ministros israelitas que se distinguiram como terroristas e cometeram crimes de guerra terríveis, encontrará o link para ela na versão impressa deste artigo vi

i

<https://www.cicero.de/aussenpolitik/verbotene-waffenlieferungen-wie-deutschland-den-apartheid-staat-suedafrika-aufruestete/56789>

ii

<https://www.haaretz.com/opinion/.premium-by-cutting-off-relations-south-africa-branded-israel-with-the-mark-of-cain-1.7137293>

iii

<https://www.israelnetz.com/politik-wirtschaft/politik/2019/07/10/bildungsminister-peretz-nennt-heirat-mit-nicht-juden-holocaust/>

iv <https://www.english.acri.org.il/>

v <https://www.english.acri.org.il/arab-minority-rights>

vi <http://www.thehypertexts.com/Israeli%20Prime%20Ministers%20Terrorists%20Nakba.htm>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Sergei25 / portadas

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK